

AS MITOLOGIAS DE *HOW I MET YOUR MOTHER*

SILVA, Ícaro Moenster Carvalho da.¹
KULAK, Sergio Marilson²

RESUMO: *How I Met Your Mother* é uma série que apresenta em seu enredo diferentes tipos de signos mitificados que demonstram importância fundamental no decorrer das nove temporadas. Objetos como sanduíches, ternos, trompa azul, guarda-chuva amarelo, entre outros, têm seus significados alterados dentro da história, esses que conduzem o receptor a determinados entendimentos sobre eles. Dessa maneira, o presente artigo pretende abordar parte desses signos e buscar entender como estes são apresentados ao espectador de forma que flexione o seu significado. Para tanto, foram selecionados elementos presentes em algumas cenas da obra audiovisual e, aplicados sob os conceitos de mitologia estudados por Roland Barthes. Foi possível entender, por meio da análise, como determinados signos, ao serem mitificados, contribuem para o discurso envolvente da série.

PALAVRAS-CHAVE: Mito. Roland Barthes. Signos. Significação.

ABSTRACT: *How I Met Your Mother* is a TV series that introduces different types of mythified signs in its plot, taking on great importance during its nine seasons. Objects such as sandwiches, suits, blue horn, yellow umbrella and others has its meanings changed within the story, leading the receiver to certain understandings about them. Thus, the present article intends to address part of these signs and try to understand how they are introduced to the viewer in a way that makes their meaning flexible. For this purpose, elements present in certain scenes of the audiovisual work were selected and applied under the concepts of mythology studied by Roland Barthes. By making the analysis it was possible to understand how certain signs, when mythicized, contribute to the persuasive and engaging speech of the series.

Key words: Myth. Roland Barthes. Signs. Meaning.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da série *How I Met Your Mother*, diversos elementos são trabalhados de maneira a entreter o público, esses, por sua vez, são utilizados de modo inteligente, planejados para que conduzam a determinados entendimentos de teor conotativo.

Diversos objetos do seriado estão inseridos no cotidiano da população em geral, sendo assim, já existe um entendimento desenvolvido acerca deles, porém, quando são vistos pela perspectiva da série, esses signos são compreendidos de uma outra maneira. O presente artigo apresenta como o mito é construído, como ele se vale do signo saussuriano para dar origem a um novo significado. Esse processo, estudado por Roland Barthes (1972), foi denominado

¹ Acadêmico cursando o 8º período de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FAG. E-mail: ic44ro@gmail.com

² Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação, docente do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FAG. E-mail: sergiokulak@gmail.com.

como Mitologia. Tendo em mente que a teoria pode ser aplicada em diferentes contextos, a presente pesquisa busca aplicá-la à mencionada série, para que seja possível resolver a problemática que norteia o estudo, a de entender como determinados signos são flexionados para novos entendimentos, adquirindo uma ampla ressignificação no contexto da série *How I Met Your Mother*.

Assim, o artigo busca contribuir para o entendimento do mito, aplicado a conceitos presentes em produções audiovisuais em busca de entender como o público entra em contato com esses signos mitificados, e qual a sua influência desenvolvida sobre a série analisada, para que, assim, seja possível compreender como o processo de ressignificação ocorre de maneira natural na percepção do público.

2 MITOLOGIA BARTHESIANA

Ao estabelecer o conceito de Mito, Barthes (1972) desenvolve toda a sua argumentação a partir das noções de signo advindas da semiologia saussuriana. É esse contexto que serve como matéria-prima para que o autor possa, de fato, entender os poderes conotativos do mito e elaborar o esquema entre a forma e o conceito que lhe dão origem.

Saussure (2006) entende o signo como a junção entre um elemento qualquer, seja ele físico ou abstrato, a partir de um sentido, isto é, que estabeleça a ele um significado. Para o autor, essa associação ocorre de modo mental, sendo o sentido arbitrário em relação ao elemento ao qual ele confere o entendimento. Assim, Saussure (2006) elabora um esquema em que o signo surge como a união entre um conceito e uma imagem acústica. Este último é definido por Saussure como a impressão psíquica que o som nos traz, para explicar isso, o autor apresenta a seguinte afirmação:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. Com o falar de sons e sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Ao elaborar a estrutura de funcionamento do signo, a fim de facilitar o seu entendimento, Saussure (2006) opta por utilizar os termos significado e significante. O primeiro aludindo ao conceito do signo, enquanto o significante remete à imagem acústica,

nesse sentido, o autor afirma que “o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2006, p. 83). A arbitrariedade que o signo carrega é consequência de sua tradição, ou seja, a sua história é herdada, sendo essa herança dirigida ao signo como tal, como, por exemplo, ao relógio como “relógio” e, por isso, não é discutido o motivo de esse signo ser assim denominado.

Seguindo esse mesmo exemplo, acerca do relógio, pode-se entendê-lo da seguinte maneira: o seu significado é a sua definição, isto é, o seu sentido arbitrário, entendido por todos os indivíduos de um mesmo modo, seria o significado do dicionário, nesse caso explanado pelo dicionário Michaelis³ de língua portuguesa como um “instrumento que serve para medir o tempo e indicar as horas, os minutos e segundos geralmente por meio de um mostrador digital ou com ponteiros” (RELÓGIO, 2017, *online*), já o seu significante, por outro lado, é aquilo que lhe dá corpo, a imagem que surge através disso, ou seja, o elemento que significa “relógio”. A partir da junção desses dois termos surge o terceiro elemento dessa cadeia semiológica, o signo em si, que nada mais é do que a representação de relógio, como pode ser visto nas imagens a seguir.

Figura 1: Cadeia semiológica do signo saussuriano.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para explicar o signo linguístico, Saussure (2006, p. 81) apresenta o outro exemplo bastante didático explicando o termo mar:

³ Definição segundo o dicionário *online* Michaelis.. Disponível em <www.michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rel%C3%B3gio/> Acesso em 5 de out. 2017.

[...] a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes”.

Isto é, o significante não define o significado, um mesmo significante pode ter outros significados, ou vice e versa. O significante pode ser visto então, como uma linha do tempo, já que eles se apresentam um após o outro, como no caso de “m-a-r”. Kulak (2015b) apresenta outro exemplo que corrobora no entendimento do signo em Saussure (2006).

[...] a junção dos elementos ‘c’ e ‘a’ formam o som do fonema ‘ca’, enquanto o duplo ‘r’ aliado a letra ‘o’ traz o fonema ‘ro’. Sob a fusão dos dois fonemas, temos o som e a impressão gráfica visual resultante: “carro”. Essa grafia possui um significado, isto é, ela remete a algo específico no mundo, neste caso a um veículo automotor movido a combustíveis, com rodas que o permite se locomover de um lugar a outro por meio de movimentos mecânicos. A junção dada entre o significante - carro - e o significado - veículo automotor - resulta no signo, que é a ideia do veículo, isto é, a sua significação (KULAK, 2015b, p. 511).

Barthes (1972) se vale dessa estrutura para criar a noção de mito, pois o mesmo esquema de Saussure (2006) é aplicado a fim de gerar a significação do elemento apresentado, entretanto, o modelo elaborado pelo autor é mais complexo, visto que ele utiliza de uma cadeia semiológica já existente para construir um sistema semiológico segundo. Desse modo, o mito pode ser entendido como uma comunicação, uma mensagem, ou como Barthes (1972, p. 199) preferiu dizer, “uma fala”. A mensagem mítica pode ser transmitida por meio de um objeto, de uma imagem, de um filme ou de qualquer outro elemento, uma vez que ele “não pode se definir pelo seu objeto e nem pela sua matéria, pois qualquer matéria pode ser arbitrariamente dotada de significação” (BARTHES, 1972, p. 200). Segundo Barthes (1972), o mito não se define pelo seu objeto, mas sim pela maneira como ele é apresentado. Para a sua construção são necessários signos plenos que são dotados de novas significações, assumindo um novo discurso.

A fala mítica é formada por uma matéria *já* trabalhada em vista de uma comunicação apropriada: todas as matérias-primas do mito - quer sejam representativas, quer gráficas - pressupõem uma consciência significante, e é por isso que se pode raciocinar sobre elas, independentemente da sua matéria. Esta, porém, não é indiferente: a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impondo a significação de uma só vez, sem analisá-la e dispersá-la (BARTHES, 1972, p. 201, grifo do autor).

A semiologia, de acordo com Barthes (1972, p. 202) é conhecida como a “ciência das formas”, portanto, o mito depende dela em grande parte, visto que estuda as significações independente de seu conteúdo. Sabendo que na semiologia, pelo conceito de Saussure (2006), o signo é composto por uma noção que agrega um significado a um elemento significante, isto é, a junção de um conceito acerca de um elemento que o corporifica, no mito um novo significado é imposto ao signo antigo. O mito, desse modo, utiliza-se das matérias-primas do signo saussuriano, isto é, o significado e o significante.

Em relação ao mito, deve-se entender que aquilo que era o signo na cadeia semiológica saussuriana, pleno, dotado de entendimento comum ao repertório coletivo, acaba por torna-se o significante da nova cadeia e recebe a nomenclatura de forma, esta por sua vez, receberá um novo significado, agora chamado de conceito. O produto desse segundo sistema, que seria equivalente ao signo na primeira estrutura, Barthes (1972) denominou como mito. Segundo o autor, “o mito tem efetivamente uma dupla função: designa e notifica, faz compreender e impõe” (BARTHES, 1972, p. 208). Para explicar o processo mitológico, Barthes (1972) apresenta como exemplo a rosa, cujo significado é a paixão:

Tomemos um ramo de rosas: faço-o significar a minha paixão. Não existem apenas aqui um significante e um significado e minha paixão? Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existem rosas “passionalizadas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos. Pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão: esta e aquelas existiam antes de se juntar e formar este terceiro objeto, que é o signo. Do mesmo modo que, no plano do vivido, não posso dissociar as rosas da mensagem que transportam, também não posso, no plano da análise, confundir rosas como significante e as rosas como signo: o significante é vazio, e o signo é pleno, é um sentido (BARTHES, 1972, p.203).

Retornando ao exemplo do relógio, agora pela perspectiva do mito barthesiano, pode-se interpretá-lo de um novo modo, ao invés de pensar nesse objeto apenas como um relógio qualquer, o exemplo elabora o conceito desenvolvido pela marca de relógios Rolex. A companhia suíça produz relógios desde 1905, segundo o *site* da empresa,

“[...] os relógios Rolex são produzidos a partir das melhores matérias-primas e montados segundo métodos que levam meticulosamente em conta cada detalhe. Cada componente é projetado, desenvolvido e produzido pela própria Rolex, seguindo rigorosos padrões de exigência” (ROLEX, 2017, *online*)⁴.

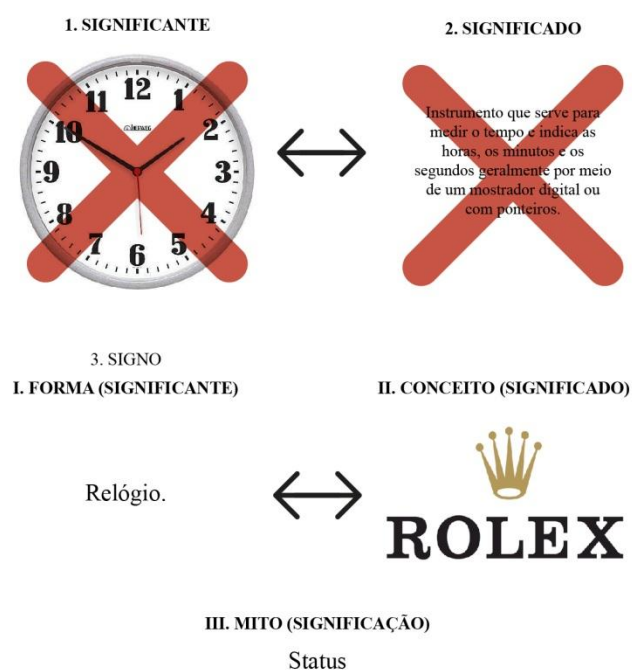
As peças montadas pela Rolex são conhecidas em todo o mundo como sinônimos de qualidade, *design*, mas principalmente, riqueza. Muitos modelos trazem, inclusive, pedras

⁴ Fonte: www.rolex.com/pt_br. Acesso em 17 out. 2017.

preciosas incrustadas no objeto, sendo alguns deles elaborados em metais nobres e alcançando valores de grande segmentação. Nesse sentido, o elemento deixa de ser apenas um relógio, isto é, objeto utilizado para verificar as horas, e se transforma em um signo de *status* e riqueza, entre outros. Ter um Rolex é muito mais que ter um relógio, é emanar diferentes tipos de significações que remetem ao poder monetário do indivíduo que o possui.

Desse modo, a noção mitológica do relógio Rolex pode ser assim representada de acordo com o modelo de estruturação elabora por Barthes (1972):

Figura 2: Cadeia semiológica do mito barthesiano.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Sabendo que a marca Rolex é conhecida por seus produtos de alto padrão, como modelos médios que custam em torno de R\$ 6.000,00⁵, e outros mais elaborados com cifras muito maiores que estes, pode-se entender, enquanto mito, a sua significação de *status*. O objeto deixou de ser um simples instrumento utilizado para indicar o horário, passando a ser associado com a ideia de poder, riqueza, ostentação, isso ocorre devido ao valor de significação empregado arbitrariamente ao produto.

Portanto, um significado pode apresentar diferentes significantes, já que o mito é mais rico em seu conceito do que em sua forma, pois um mesmo conceito pode ser apresentado a formas diferenciadas. Mas é preciso ter em mente que, o sentido e a forma trabalham em

⁵ Loja *online* Jomashop. Disponível em <<https://www.jomashop.com/rolex-watch-214270bkaso.html>>. Acesso em 5 de out. de 2017.

conjunto, isto é, a forma não é excluída no mito. O sentido sempre apresentará a forma, enquanto isso, a forma afastará o sentido. Segundo Barthes (1972, p. 209), “é esse interessante jogo de esconde-esconde entre o sentido e a forma que define o mito”. Já que o mito não é um símbolo, o Rolex não é o símbolo da riqueza, ele é uma presença emprestada [flexionada] dela.

No significante, a forma permanece vazia, mas não ausente, somente o sentido deixa de estar presente, o elemento não deixa de ser um relógio, mas em contrapartida, passa a ser muito mais do que um simples relógio. Para esclarecer essa questão, Barthes (1972, p. 215) apresenta a seguinte metáfora:

Se estou num automóvel e olho a paisagem ou a vidraça; ora me aperceberei da presença do vidro e da distância da paisagem; ora, pelo contrário, da transparência do vidro e da profundidade da paisagem; mas o resultado desta alternância será constante: a vidraça estará para mim simultaneamente presente e vazia, e a paisagem simultaneamente irreal e plena.

Sendo assim, pode-se interpretar o mito como uma fala roubada e restituída, mas a fala que foi roubada não retorna da mesma maneira, não exatamente do lugar de onde saiu. É nesse momento que a fala mítica ocorre, nesse breve instante em que ela foi “roubada” (BARTHES, 1972, p. 215). Como sugere o autor, isso ocorre devido ao fato de que o conceito gera um novo entendimento ao signo, pois, segundo Barthes (1972, p. 140), “através do conceito, toda uma história nova é implantada no mito”. Dessa maneira, a construção da significação é sempre motivada, o mito não existe sem uma motivação, algo que lhe dê forças, visto que ele trabalha com a analogia do sentido e da forma.

Portanto, pode-se interpretar o mito como uma inflexão, visto que o mito deforma o signo, ou seja, ele não é uma mentira e nem uma confissão, ele apenas transmite um conceito intencional. Isso significa que o leitor consome o mito inocentemente, fato que ocorre devido ao mito não ser visto como um sistema semiológico, mas sim como um sistema indutivo: para o receptor o significante e o significado se relacionam naturalmente. O mito é uma fala excessivamente justificada, já que, para quem entra em contato com ele, todo o processo interpretativo ocorre de forma natural, como se o significante criasse, de fato, o significado. Portanto, o mito é visto inocentemente, isso ocorre devido ao fato de não ser visto de maneira semiológica.

3 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza por ser uma pesquisa exploratória com seu delineamento pautado na análise de conteúdo de natureza qualitativa. De acordo com Gil (2002, p.89), a análise de conteúdo acontece por meio de três momentos:

A primeira é a pré-análise, na qual se procede à escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e à preparação do material para análise. A segunda é a exploração do material, que envolve a escolha das unidades, a enumeração e a classificação. A terceira etapa, por fim, é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados.

Dessa maneira, a pré-análise teve como ponto de partida o entendimento dos signos trabalhados na série, tendo em vista que segundo Bardin (2005, p. 95), essa fase “corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo, tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais”. Portanto, esses signos apresentam grande significados aos espectadores, dessa maneira, cenas da série foram selecionadas em busca de entender como esses significados são transmitidos e quais são os impactos causados.

Para isso, a análise teve como base a teoria acerca da mitologia barthesiana, e para seu desenvolvimento foi escolhido como objeto de análise os signos míticos com significados mais latentes na série *How I Met Your Mother*.

4 OS MITOS EM *HOW I MET YOUR MOTHER*

Estreada em setembro de 2005, a série *How I Met Your Mother* – Como Eu Conheci sua Mãe, no Brasil – é um *Sitcom*⁶ criado por Carter Bays e Craig Thomas. A narrativa se encerrou no ano de 2014, totalizando 208 episódios distribuídos em 9 temporadas. A série rendeu 7 prêmios Emmy em 24 indicações, além de uma legião de fãs por todo o mundo.

A narrativa é construída em duas linhas temporais: a história se inicia no ano de 2030, com o personagem Ted Mosby (Josh Radnor) contando a trajetória de como conheceu a mãe de seus filhos, enredo que se prolonga até a última temporada. Para isso, Ted começa apresentando como era sua vida no ano de 2005 – ano de lançamento da série e que condizia com a atualidade da veiculação da obra – em Nova York - EUA. No decorrer da série são apresentados os amigos de Ted: Barney Stinson (Neil Patrick Harris), Marshall Eriksen (Jason Segel), Lily Aldrin (Alyson Hannigan) e Robin Scherbatsky (Cobie Smulders) que, juntos ao

⁶ É a junção das palavras *situation* e *comedy* (sit+com), ou seja, “comédia de situação”.

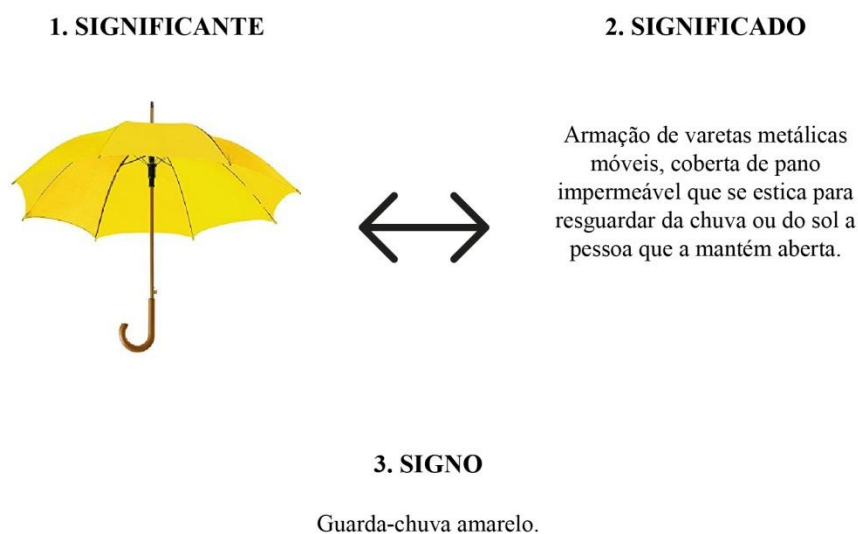
protagonista, são responsáveis por todo o enredo de *How I Met Your Mother* – daqui em diante tratada pela sigla HIMYM.

Já em seu início, é possível perceber que a história se trata da busca inconstante do personagem Ted pela sua companheira ideal, além de retratar o seu cotidiano e a convivência de seu grupo de amigos. Com o passar dos anos, esse círculo de amizade se tornou uma verdadeira família que compartilha não apenas todo tipo de acontecimentos, momentos alegres e de confraternização, como também cenas emocionantes, de ensinamentos.

Durante as nove temporadas são apresentados diversos objetos que podem ser vistos como elementos míticos. Sabendo que o mito é uma fala, isto é, uma comunicação, no caso da série algumas mensagens são transmitidas por meio de objetos como: sanduíches, ternos, uma trompa azul e o guarda-chuva amarelo, este último sendo um elemento central na trama de HIMYM. A maneira como esses elementos são trabalhados ocorre de modo bastante particular, uma vez que a narrativa se vale de objetos, a princípio simplórios, que apresentam significados complexos no contexto da história. Significados esses que podem mudar o comportamento de seus espectadores perante os mesmos objetos em seus cotidianos, tornando-os, de certa maneira, especiais.

É como ocorre no caso do guarda-chuva amarelo, que assume uma nova significação. Desse modo, podemos interpretá-lo segundo a cadeia saussuriana da seguinte maneira:

Figura 3: Cadeia semiológica do mito saussuriano.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O seu significante é o elemento que representa o guarda-chuva, já o seu significado, aquele que advém do dicionário, é o que faz entender o objeto que, nesse caso, se trata de uma

“armação de varetas metálicas móveis, coberta de pano impermeável que se estica para resguardar da chuva ou do sol a pessoa que a mantém aberta” (GUARDA-CHUVA, 2017, *online*)⁷. Já o signo será a origem da junção do significante e o significado, o que, nesse caso, é o guarda-chuva amarelo. Entretanto, no contexto da série, ele deixa de ser apenas um objeto que tem o intuito de proteger da chuva, para tornar-se um elemento fundamental que carrega todo um embasamento pautado na questão do destino no decorrer da narrativa, uma vez que, por meio desse objeto, Ted fica, em vários momentos, perto de conhecer a mulher de sua vida. Nesse sentido, podemos aplicá-lo ao esquema da mitologia barthesiana, considerando o significado imposto no contexto de HIMYM da seguinte maneira:

Figura 4: Cadeia semiológica do mito barthesiano.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em HIMYM, o discurso do objeto é alterado, valendo-se do significante e flexionando o significado da primeira cadeia a um novo sentido: ele passa, agora, a carregar a noção de “destino”. Isso ocorre devido ao fato de que, na narrativa, o personagem Ted Mosby encontra a personagem que será a mãe de seus filhos, Tracy McConnell, por meio desse objeto. Entretanto, antes mesmo de conhecê-la, Ted se depara com o guarda-chuva amarelo de Tracy, que, coincidentemente, havia as iniciais do nome de ambos os personagens – T.M. –

⁷ Definição segundo o dicionário *online* Michaelis. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/guarda-chuva/>> Acesso em 7 de out. 2017

fazendo com que o encontro do casal seja definido pelos próprios personagens como acaso do destino.

Figura 5: Primeiro encontro de Ted Mosby e Tracy McConnell.



Fonte: *How I Met Your Mother* (S09E23/24)⁸.

Porém, essa não foi a única vez em que o guarda-chuva apareceu na história, ele sempre esteve presente de alguma maneira, deixando um suspense do que ele poderia, de fato, significar, e só nos últimos episódios da série, ao conhecer a mãe de seus filhos e dar o sentido de toda a narrativa – desde o nome até a busca incansável ocorrida nas nove temporadas – que é possível entender a sua real mensagem.

Figura 6: Episódios 56 - *No Tomorrow* (S03E12) e 153 - *No Pressure* (S07E17), respectivamente.



Fonte: *How I Met Your Mother* (Episódios S03E12 e S07E17, respectivamente).

Devido ao fato de o guarda-chuva amarelo estar presente no momento mais esperado de toda a série, quando tanto o público quanto o personagem de Ted conhecem Tracy – ou a mãe que nomeia a série – dá o sentido de toda a narrativa e o significado do objeto é reforçado a partir de sua inflexão. O entendimento desse elemento enquanto um signo mítico, vai para muito além de um simples objeto cujo objetivo é proteger da chuva.

⁸ A sigla é uma referência ao capítulo em relação ao número da temporada e do episódio inserido nela. A letra S é uma representação de *Season*, termo que significa temporada na língua inglesa, seguida do número da temporada e da letra E, de *Episode* – episódio – com a referência do número do episódio no contexto da temporada especificada.

Durante toda a narrativa, o personagem de Josh Radnor procura pela parceira ideal, alguém que o complete, mas o personagem acredita que, para isso acontecer, o universo deve conspirar a seu favor, fazendo com que esse momento seja único e especial, isto é, que seja realmente por um acaso do destino. É por isso que o guarda-chuva amarelo, estando presente nesse momento tão aguardado pelo enredo da série e pela expectativa do público, carrega um significado muito maior. O objeto remete não apenas ao destino, mas ainda ao encontro perfeito em que tudo se encaixa e, de certa maneira, representa a busca pela pessoa ideal. Portanto, o entendimento do signo mítico do guarda-chuva representa toda uma história de acontecimentos que se entrelaçam como um acaso do destino, mas que, principalmente, representa ao casal Ted e Tracy, ou como é colocado na própria história, representa o *lebenslangerschicksalsschatz*, que em alemão quer dizer “o tesouro do destino ao longo da vida”⁹.

De acordo com Kulak (2015a, p. 68), “o mito é uma mensagem que se define pelo modo como ela trata determinado objeto, ou seja, esse objeto não se manifesta de maneira natural, ao contrário, é imposto, condicionado”. Por meio da afirmativa, constata-se que o mito não é natural das coisas, mas como afirma o próprio Barthes (1972), é imposto a um novo contexto que atualiza o seu sentido, assim como ocorre com a trompa azul.

Antes de Tracy, Ted namorou sua amiga Robin, como ilustrado no primeiro encontro do protagonista na primeira temporada da série. Na ocasião, Ted leva Robin para jantar em um pequeno bistrô no bairro do Brooklyn, em Nova York, então Robin comenta ter gostado de uma trompa azul que fazia parte da decoração do ambiente.

Figura 7: A trompa azul como decoração do restaurante e, em seguida, Ted a roubando para dar a Robin.



Fonte: HIMYM (S01E02).

Buscando uma aproximação com a personagem, Ted surpreende Robin roubando o objeto como prova de seu afeto e tentando, assim, conquistá-la. Inserido no contexto do mito

⁹ Termo empregado no episódio S08E01 – “Farhampton Part Two”.

barthesiano, a forma do signo trompa azul traz o conceito de conquista, de surpreender a pessoa amada e, até mesmo, da ideia de fazer uma loucura por amor, como ocorre nos grandes romances hollywoodianos. Portanto, a trompa perde o seu significado original, aquele advindo do dicionário, de ser um “instrumento de sopro constituído de um tubo longo e estreito, enrolado em um, dois ou três círculos, com bocal em uma das extremidades”¹⁰.

Figura 8: Ted surpreendendo Robin ao roubar a trompa azul.



Fonte: HIMYM (S01E02).

A relação entre Ted e Robin não dá certo. Ted conhece outras mulheres, dá continuidade à sua vida e vê Robin seguir em frente também. A série se desenvolve até Ted encontrar Tracy e com ela ter um longo e feliz relacionamento, como o protagonista sempre planejou. Ted e Tracy se casaram, tiveram filhos e edificaram vários sonhos juntos, porém, após um determinado tempo que não é apresentado na narrativa, a personagem de Tracy acaba falecendo devido a uma doença, o que possibilita que, novamente, Ted e Robin possam desenvolver um vínculo afetivo e, conseqüentemente, que elementos desse relacionamento adquiram determinadas atualizações em suas significações.

É o que ocorre com a trompa azul. Por si só, no enredo da série essa trompa já se enquadra como um processo mítico, entretanto, o mesmo objeto retorna no episódio final da obra fazendo com que o seu entendimento seja, novamente, flexionado/atualizado. Ao fim do último episódio, seis anos após o falecimento de Tracy, a narrativa se direciona para o momento em que Ted finaliza a história de como tudo aconteceu até o casal se conhecer – voltando à cena inicial da série, na sala de estar da residência de Ted, onde ele resolve contar para seus filhos a história de como ele a conheceu – ele é incentivado por seus filhos a procurar Robin, mas uma simples ligação para marcar um encontro não seria suficiente para o protagonista. Assim, Ted decide surpreender a personagem de Robin mais uma vez,

¹⁰ Definição segundo o dicionário *online* Michaelis. Disponível em: <www.michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trompa/>. Acesso em 09 out. 2017.

aparecendo com a trompa azul em sua janela, acontecendo assim, a cena final da série, que se relaciona diretamente com a cena do segundo episódio de HIMYM, na primeira tentativa em que Ted buscava seu par perfeito.

Figura 9: Cena final de *How I Met Your Mother*.



Fonte: *How I Met Your Mother* (S09E23/24).

Nesse momento é percebida a alteração do mito, a trompa azul passa então a ter um significado mais amplo devido a essa cena, seria a mitificação de um próprio mito. O objeto então passa a carregar o significado de *beinaheleidenschaftsgegenstand* que, conforme citado na série, na língua alemã se trata de “aquilo que é quase o que você quer, mas não completamente”. Isso se deve ao fato de o modo como o objeto é trabalhado no contexto da série, na primeira temporada, Ted achava que Robin era a mulher de sua vida, mas Robin não estava em busca de um relacionamento sério a época, uma vez que estava focada em sua carreira de jornalista.

Com o passar do tempo e a morte de Tracy, Ted fica disponível novamente para um relacionamento, e com o incentivo de seus filhos, que relatam que toda a história contada em nove temporadas não foi, de fato, a história de como o personagem conheceu a mãe deles - Tracy, mas sim de como a história com Robin se desenrolou até que chegassem àquele momento e ele pudesse procurá-la mais uma vez, já que com sua carreira profissional estruturada, ela estaria aberta a um possível relacionamento. Portanto, a trompa azul passa a significar não mais uma loucura de amor, mas o próprio significado do sentimento desenvolvido entre Ted e Robin.

Esses dois signos são os mitos mais intensos da série, entretanto, a narrativa apresenta vários outros elementos que, no decorrer das nove temporadas, trabalham no jogo entre forma e conceito a fim de encantar o público receptor, como é o caso dos sanduíches.

Quando o personagem Ted Mosby conta a sua história para seus filhos acerca da época de faculdade, ele alude a diversas situações complexas de se explicar para adolescentes. Nesse sentido, o personagem mascara a realidade, gerando novos entendimentos para signos complexos, é o caso de o uso de maconha pelos personagens mostrados na série com o ato de comer sanduíches.

Em um entendimento geral, é notório que esse recurso se tratava apenas de um modo para ocultar o fato de o uso de drogas ilícitas, algo que não é ideal para contar para seus filhos. O sanduíche deixou de ter seu sentido original que, de acordo com o dicionário Aurélio é um “conjunto de duas fatias de pão intercaladas por fatias de um ou vários alimentos (carne, fiambre, salame, queijo, tomate, ovo, etc.)” (SANDUÍCHE, 2017, grifo do autor)¹¹, passando então a entendê-lo como o ato de fumar maconha. O sanduíche foi o modo encontrado pelos autores para tratar a temática do uso de drogas, além disso, gerou uma piada que ficou sutil e utilizada de maneira inteligente.

Figura 10: Marshall e Ted comendo sanduíche/ fumando maconha durante a faculdade.



Fonte: *How I Met Your Mother* (S03E05).

A noção de sanduíche é subvertida, e é visível nas imagens que determinadas características do cigarro de maconha são aplicadas no próprio alimento, como o tamanho, por exemplo, como se o baseado, termo que designa o cigarro de maconha, fosse maior ou menor,

¹¹ Definição segundo o dicionário online Aurélio. Disponível em: <www.dicionariodoaurelio.com/sanduiche>. Acesso em 7 out. 2017.

mais ou menos recheado, entre outros. Vale ressaltar que essa estratégia mítica foi utilizada diversas vezes durante as nove temporadas, mostrando momentos que variam desde quando os personagens eram jovens e ainda cursavam a faculdade, até mesmo em situações com eles já casados, com as idades mais avançadas do que aquela comumente relacionada ao perfil do usuário desse tipo de substância.

Figura 11: Marshall, Lily e Ted já em processo de envelhecimento comendo sanduíche/fumando maconha.



Fonte: *How I Met Your Mother* (S03E05).

Outro personagem que trabalha com as noções míticas em suas aparições é Barney Stinson. Conhecido por suas frases de efeito, Barney é um dos personagens mais marcantes do seriado, sendo responsável por grande parte das situações de comédia, em que a maioria envolve a conquista de mulheres. Na grande maioria dos episódios, Barney aparece trajando diferentes tipos de ternos, essa seria a marca registrada desse personagem, um forte elemento da identidade dele no contexto da trama. Em um dos episódios, até mesmo seu pijama se assemelha ao traje social.

No mesmo aspecto dos demais itens avaliados, evidencia-se a relação da vestimenta como um elemento do mito barthesiano, visto que, visto que, como o próprio personagem explora em diferentes momentos da série, o traje é essencial para a conquista de mulheres.

Figura 12: Barney Stinson com seu tradicional terno e com o pijama semelhante ao traje.



Fonte: *How I Met Your Mother* (Episódios S05E12 e S04E17, respectivamente).

Nesse sentido, o terno deixa de ser um traje social. Esse elemento é tão representativo na série que o personagem de Barney, ao elaborar suas normas para seduzir uma mulher, elenca como regra principal o fator “use um terno”. O mito aqui exposto é apresentado com grande força de significação desde o primeiro capítulo da série: Ted e Barney saem para uma noite no episódio piloto da história a fim de encontrar alguma garota interessante, visto que o casal de amigos da dupla, Lilly e Marshall, acabou de noivar e está aproveitando o momento a sós, deixando os dois personagens solteiros disponíveis para uma jornada em busca de garotas. É nessa noite que Ted conhece Robin, mas a deixa escapar sem conseguir ganhar um beijo da garota.

Para convencer que seus amigos, sobretudo Barney, estejam com ele na tentativa seguinte da conquista do beijo de Robin, Ted precisa seguir a primeira regra da sedução de seu colega, o uso do terno. Isso se evidencia nas figuras 7 e 8, que são cenas do mesmo episódio, quando Ted busca a trompa azul a fim de persuadir Robin. Assim como no início de tudo, a última cena da série mostra Ted de terno, em ambos os casos, o protagonista estava tentando conquistar Robin, no primeiro momento, influenciado diretamente por Barney, já no último, em uma leitura intertextual, sem a referência direta a seu amigo. Dessa maneira, pode-se entender o terno como um elemento que representa a conquista, principalmente com o personagem de Barney, mas também em outras possibilidades, como nessa apresentada por Ted.

Por fim, a série *How I Met Your Mother* promove um jogo bastante envolvente com os mitos. São muitos os momentos em que os signos são flexionados para novos contextos, que as histórias se transformam por meio dessa inflexão e geram ressignificações aos objetos, espaços e até mesmo aos personagens. São casos como: o uso do personagem Ranjit como

motorista da maioria dos táxis que o grupo toma, um abacaxi para aludir a um problema significativo, entre vários outros. Acredita-se que, por meio dos exemplos aqui explanados, seja possível entender a maquinação do mito barthesiano no enredo da série, bem como seu funcionamento, sua capacidade articuladora e a implantação de novas verdades que são assumidas ao interpretar o mito de maneira plena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série HIMYM conseguiu, por meio de signos comuns, realizar determinados jogos de significação durante o seu enredo. Assim, ao flexionar o entendimento desses objetos, é possível cativar o telespectador. Determinados objetos são de fácil acesso no cotidiano de seu público e, por terem ganhado significados tão fortes, transmitem sua mensagem além da série, uma vez que é comum associar um guarda-chuva amarelo visto nas ruas, por exemplo, com essa narrativa.

O mito é um recurso bastante presente em HIMYM, fazendo com que o entendimento dos objetos seja trabalhado continuamente pelo receptor, uma vez que fica por conta dele fazer associação com seus significados. Isso é, em nenhum momento é dito “a trompa azul remete ao casal Ted e Robin”, o próprio leitor tem esse entendimento devido à situação em que lhe é apresentado, impondo assim o entendimento sobre o signo.

Tendo em mente que o mito é uma fala, pode então ser analisado que os objetos trabalhados na série carregam suas devidas mensagens, uma vez que elas auxiliam o entendimento da história e, muitas vezes, somente sua presença na cena já cumpre essa função. Portanto, ao esvaziar as formas de seus objetos, a série gera um novo significado sobre eles, com isso, é possível envolver o espectador. Em uma metáfora, pode-se inferir dessa pesquisa uma frase citada no 24º episódio da sexta temporada: “Às vezes, algo tem que ser destruído para dar lugar a algo melhor” (HIMYM, 2010, *online*), é a metalinguagem enaltecendo o poder transformador do próprio mito.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1972.

_____. Retórica da Imagem. In: **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARDA-CHUVA. **Dicionário online Michaelis**, 22 out. 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/guarda-chuva/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

KULAK, S. M. **Visualidades Urbanas: impactos de significação decorrentes do projeto cidade limpa em Londrina - PR**. 2015. 108f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015a.

_____. O Mito Barthesiano na Publicidade: **A apropriação de diferentes signos culturais nas 1001 faces de Bombril**. In: Colóquio de Estudos Literários, 9., 2015, Londrina, *Anais...* Londrina: Uel, 2015b, p. 509-526.

RELÓGIO. **Dicionário online Michaelis**, 11 out. 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/relógio/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SANDUÍCHE. **Dicionário online Aurélio**, 13 out. 2017. Disponível em: <www.dicionariodoaurelio.com/sanduche>. Acesso em: 13 out. 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TECLA SAP. **O Que Sitcom Quer Dizer**. Disponível em: <<http://www.teclasap.com.br/o-que-sitcom-quer-dizer/>>. Acessado em: 16 de mai. 2017.

TROMPA. **Dicionário online Michaelis**, 18 out. 2017. Disponível em: <www.michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/trompa/>. Acesso em: 18 out. 2017.